

SERMAM

Que prègou o Padre Mestre

FRANCISCO DE MATTOS,

da Companhia de JESU, da Provincia do Brasil, Len-
te de Prima no Collegio da Bahia,

NA FESTA DE

S. GREGORIO
MAGNO

EM NOSSA SENHORA DA AJUDA

da mesma Cidade,

Estando o Senhor exposto.



LISBOA,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAÕ.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1700.

SEPMAM

Que pignon o Pabre Mestre

FRANCISCO DE MATTOS

da Companhia de JESU, da Provincia do Brasil, e da
de da Parna no Collegio da Bahia,

A FESTA DE

S. GREGORIO

MAGNO

EM NOSSA SENHORA DA CUIDA

da mesma Cidade,

Quando o Senhor expor



EM NOSSA SENHORA DA CUIDA
DE ANTONIO PEDROZO GALVAO

Com todos os honras necessarias

Anno de 1700.



*Hic Magnus vocabitur in Regno Cæ-
lorum.*

Matth. cap. 5.

Divina, & humana Mageſtade.



U E pouco acer-
tadas, & muyto
pertendidas foraõ
sempre no mundo
as diligencias pa-
ra valer. Pouco acertadas, por-
que muitos erraõ os meyoſ pa-
ra se augmentar, porque os
menos sabem as condições pa-
ra crescer. Muito pertendidas,
porque não ha quem não dese-
je sobir, quem não aspire a ser
grande: desejar ser mais, he in-
clinação natural dos homẽs: to-
dos querem a sua mayor per-
feiçãõ. E ficar sem o que dese-
jaõ, não he novidade nelles, he
desgraça muito commua. Se a-
caſo huns passaõ além do que
merecem; outros depois de
grandes merecimentos, ficaõ
muito áquem do que faõ. Mas

ainda assim, não seria tão gran-
de o dano, não haveria nos po-
vos tão encontradas sortes, se
por outra via tivesse remedio
este desconcerto da que cha-
mamos Fortuna. Se, porque os
pequenos erraõ no fazer se grã-
des a si mesmos, soubersem os
mayores engrandecer aos ou-
tros. Se ao menos não ouvesse
este desfacerio no mundo, sem-
pre se acharia em toda a Repu-
blica quem fosse dignamente
grande. Porém nõs vemos, que
atẽ nesta parte tem seus des-
vios a providencia dos homẽs,
que ainda em fazer grandes aos
outros, não acertaõ os que mais
podem. Se quereis engrandecer
os sabios, embarçaõ vos os ig-
norantes. Se quereis augmen-
tar os prudentes, perseguem-

vos os indiscretos. Se quereis premiar os benemeritos, inquietavos os envejofos. Se finalmente quereis obrar com justiça, quereis dar a cada hũ o que he feuo, ainda entãõ, ou vos engana a conveniencia propria, ou vos desencaminha a desgraça alhea.

Para fugirmos pois destes erros, para evitarmos estes desmanchos, temos no Evangelho presente regras muito acertadas. Alli temos doutrina para com acerto fazer grandes aos outros, & para cada hum se fazer afi mefmo grande. Para os que aspiraõ a grandezas proprias, & para os que tem obrigação de attender pelas alheas. Estamos na festa do incomparavel Doutor da Igreja S. Gregorio Magno; & para grandes havia de fer a lição do Evangelho; para encaminhar a fer grã-

des, era bem que fosse a doutrina deste dia. Digo fer isto afi: porque lido com attenção o texto da presente celebridade, parece que se não dirige a outra coufa. Acabar o Evangelho com a fe gurança de grandezas no Cco: *Hic Magnus vocabitur in Regno Cælorum*; mostra que todo elle he para ensinar a confe guillas; que para o acerto de toda a forte de grandes foy esta pratica de Christo. E se esta foy a lição que Christo deo a feus Discipulos, feja tambem este o assumpto do Sermão: Ensinar a fer, & a fazer grandes. Para o fazermos com verdade, havemos de discorrer pelo Evangelho com as palavras do noffo thema. Christo ha de fer o divino Mestre desta politica: & São Gregorio Magno ferá o exemplo della.

Ave Maria.

~~~~~

### *Vos estis sal terræ.*

**S** Aõ as primeiras palavras do noffo Evangelho, & as que começaõ a ensinar a fazer grandes a outros. Vejo, diz Christo a feus Discipulos, lque foyis sal da terra. No Evangelho, em que Christo encaminha a fazer grandes, primeiro vê o q̃ foyis aquelles, a quem quer engrandecer.

Não faz certa a efperança de poderem fer grandes os feus Discipulos: *Magnus in Regno Cælorum*: fem primeiro olhar para o que elles foy: *Vos estis sal terræ*. Grande documento para os que tem obrigação de augmentar aos outros! Ver primeiro a quem quer engrandecer. Não fazer



fazer grande a outrem, antes de lhe examinar o fogeito. As melhoras que vem fóra desta regra, são augmentos, que logo paraõ. São como a flor, que brota fóra de tempo: chega a ser flor, mas não dá fructo: malogra-se, porque se apressou. Não são assim os augmentos, que se dão com exame das pessoas. Alem de virem nascendo aos fogeitos, crescem cada vez mais. Como vem a seu tempo, sempre se lograõ. Dnas vezes acho na Escriitura a Moysés levantado á fortuna de grande. Hũa na Corte de Phar.õ, quando o adoptou a filha do Rey: *Quem illa adoptavit in locum filij*. Outra para com o povo de Israel, quando Deos o fez seu libertador, & Principe supremo: *Veni, ut educaas populum meum de Egypto*. Mas com esta differença, que a grãdeza, a que sobio Moysés na Corte de Phar.õ, não passou de hũa adopção de filho: *Adoptavit in locum filij*. Porém a que teve no governo de Israel, levantou-o a reputações de Deos: *Constitui te Deum Pharaonis*. E a causa desta differença foy, porque nos Paços de Egypto sobio Moysés sem mais exame de seu fogeito, que a apparencia do bom aspecto, com que nacera. Vio a Princeza ao menino Moysés de elegante fórma, & não foi necessario mais. E Deos

naõ fez grande do seu povo a Moysés, sem primeiro o ver cõ quarenta annos de pastor nos campos de Madian. Como lhe vio os talentos de pastor, julgou que era fogeito para sobir, que ja podia ser grande: *Constituite Deum Pharaonis*. Logo bem encaminha Christo a seus Discipulos a serẽ grandes no Reyno dos Ceos: *Magnus in Regno Caelorum*: quando lhes diz que tẽ ja visto o que elles são: *Vos estis sal terra*. Para vos eu fazer grãdes no meu Reyno, ja não falto á minha obrigação, parece que vem a dizer Christo; ja vejo o que sois: *Vos estis sal terra*.

E que ajustado a esta regia andou S. Gregorio na eleyção de Agostinho, Monge seu, para Arcebispo de Inglaterra! Não o fez grande daquella Igreja, senão depois que o vio fazer milagres. Bem podera São Gregorio, quando logo mandou este Religioso á conversão daquelle Reyno, darlhe a dignidade de Arcebispo. Mas isso era obrar S. Gregorio fóra desta advertencia, era fazer grande a Agostinho, antes de lhe conhecer com vagar os talentos: & naõ faz isto hum São Gregorio. Não ha de obrar assim, quem com acerto quer engrandecer a outrem, primeiro ha de ver o que elle he. Aquelle homem Rey, que publicamente fez hũ



real convite, he na opinião de muitos o mesmo Christo, quando nos dá seu corpo no Sacramento. E antes que naquelle mysterioso banquete se vissem as iguarias, diz o sagrado Texto, que entrará o Rey a ver os convidados: *Intravit Rex, ut videret discumbentes*. Não foy sem mysterio esta vista de olhos naquelle Rey. Não foy acaso em Christo esta prevenção antecedente. Os que chegam á mesa da sagrada Eucharistia, chegam para os fazer grandes. Não necessita de prova esta verdade. E como implica fazer grande a outrem, sem ver primeiro a que se engrandece; por isto Christo examina primeiro as qualidades de seus convidados: *Intravit, ut videret discumbentes*. Não porque em Christo possa haver perigo de fazer elle grandes sem o acerto todo. Mas para nos ensinar, & advertir, que para se fazer grande a outrem, primeiro se ha de ver o que elle he, & que póde errar na eleição de grandes, quem primeiro não examina o que são.

Mas não basta isto para se fazer grande a outrem com o devido acerto. Além de se ver o que elle he, ha de ver se também para que he. Depois de conhecida a qualidade do fogueito, ha de examinar se he o prestimo. Empenho parece da sa-

bedoria de Christo, quando encaminha para grandes os seus Discipulos: *Magnus in Regno Cælorum*: consideralos na representação de sal: *Vos estis sal terræ*. O sal faz-se para servir. He experiencia muito provada. Não se faz o sal para se ficar no seu ser; se não para servir com os seus prestimos. E nisto nos ensina o Evangelho, que só se ha de fazer grande a quem se vir o que he para os outros, & não o que he para si. Ser hum para outro, he ser para servir. Ser hum para si, he não passar do que he. E nas eleyções divinas não se faz grande a quem se contenta de ser quem he; senão a quem he para servir. Não ao que he para si, senão ao que he para outrem. *Qui vult venire post me, abneget semetipsum, tollat crucem suam, & sequatur me*. O que quiser vir ao meu Reyno, diz Christo, neguese a si mesmo, tome a sua cruz, & sigame. Ir ao Reyno de Christo, he ir a ser grande, porque naquella Corte não ha pequenos. Só he na verdade grande, quem chegou a ver a Deos. E para Christo fazer a hum grande da sua Corte, quer que elle tal não seja para si: *Abneget semetipsum*: & se applique a ser pira outrem: *Tollat crucem suam, & sequatur me*. Negar se hum a si mesmo, he não ser hum para si: seguir os passos a Christ-



to, he ser hum para outrem: e esta he a condição, que se ha de ver no fôgeito, a quem se quer fazer grande. Não se ha de parar em ver quem he; ha de passar-se a ver o para que he: se he para servir. Entre todos os Sacramentos he o da Eucharistia a quem se pôde dar o titulo de Magno, porque alem de o venerar assim a Igreja: *Tantum ergo Sacramentum veneremur cernui*, he entre todos por Antonomasia o Sacramento; & por isso se pôde chamar o Sacramento grande. E como a condição para ser grande, he ser para servir; por isso nos dá Christo a sua graça neste Sacramento em habitos de servente: *Præcinget se faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis*. Assim explicaõ algũs esta mysteriosa parabola. Servirá á mesa dos que recebem seu corpo no Sacramento. E como não havia de ser assim, se nas elegções do Ceo não ha ser grande, senão ha presta para servir? se o exercício de servente he a condição para ser Magno?

Todo este discurso está confirmado no nosso Evangelho. Depois de Christo ver aos seus Discipulos significados no sal: *Vos estis sal terre*, não lhes advertio outras obrigações, mais que as de servir como sal: *Quid si sal evanuerit*, diz Christo, in

*quo salietur? O sal, que não serve, em que vem a para? Ad nihilum valet ultra*, responde o mesmo Senhor, *nisi, qui mittatur foras, & concalcetur ab hominibus*. Aquelle sal, que o foy só para si, & não foy para os outros, acabe no mayor desprezo: *Concalceetur ab hominibus*. Vejaõ pois os que tem a seu cargo fazer grandes, não só o que elles são em si, senão tambem, o que podem ser para os outros. Não se contentem de ver nelles a virtude de sal, se os não virem para servir com a virtude, que tem. Por isso o Imperador Carlos V. dizia prudentemente, que a mayor parte do melhoramento de seus Reynos estava na boa elegção de duas sortes de grandes: nos grandes da justiça, & nos grandes da Igreja. Ao Pastor Ecclesiastico chamou o nobre A Lapidre, *Sal Ecclesie*, o sal da Igreja. E ao Ministro da justiça chamou tambem, *Sal civitatis*, o sal da Republica. E se estes grandes são sal para servir; bem disse o prudente Imperador, que nelles consistia a conservação de seus estados. Porém, se elles somente são sal para si, indignamente são grandes, porque não servem para outrem, & são a ruina dos povos. O Pastor Ecclesiastico, que não applica a virtude de sal a suas ovelhas, que as não preserva



serua da corrupção: *Ad nihilum valet ultra*: Não val nada este grande. O Ministro real, que como sal não serve à Republica, que lhe não tempêra com justiça os pleytos: *Ad nihilum valet ultra*: Não he para ser grã-de, porque não serve com o que póde.

Foy S. Gregorio grande na Republica, porque foy Presidente da Cidade de Roma. Foy grande na Religião, porque foy Abbade de hum Mosteyro de Monges. Foy grande da Igreja, porque foy Diacono Cardeal; & ultimamente, porque foy Pontifice Romano. E quem poderá dizer, que em todas estas dignidades deyxasse S. Gregorio de ser mysterioso sal, para servir com os seus prestimos? Quem, que como sal, não preservass: a infinitas almas da corrupção da culpa, edificando seis Mosteyros em Sicilia, & hũ em Roma para clausura de muitos Religiosos? Quem, que como sal, não téperasse em Constantinopla contendas de muito pezo entre o Papa Pelagio, & o Emperador Tiberio? Quem, q como sal, não puzesse gosto aos rigores da Religião, de que querião fugir varios Monges seus, por descontentes? Quem, que como sal, não excitass: a sede da salvação das almas em muitos Missionarios, que mandou

aos Inglezes; & accendesse os desejos dos bẽs eternos em tres mil Religiosas, que sustentava em Roma? E quem, que como sal, não mortificasse zelosamente a todos os culpados? Ao Emperador Mauricio, por fazer hũ ley injusta. A Januario Bispo de Calher, por se vingar de seus inimigos com as censuras da Igreja. A Desiderio Bispo em França, por se applicar á lição de livros profanos. Ao Romano Exarco de Italia, por favorecer a os que querião deixar as Religiões. A Nadal Bispo de Solona, por se haver dado a baquetes. E a Victor Bispo de Palermo, por conversar ociosamente com mulheres. Eis-aqui como S. Gregorio he dignamente grande, ainda no melhor Reyno: *Magnus in Regno Caelorum*. Porque soube applicar a todos o prestimo, que tinha. Porque não parou em ser sal para si, pois tambem o foy para os outros. E que necessidade tinhamos hoje de sal de tanto prestimo! Considere-o cada hũ de nòs.

*Vos estis lux mundi.*

**C**ontinua o nosso Evangelho; & continua tambem a lição de fazer grandes. Vòs sois luz do mundo, diz o Senhor, aos sagrados Apostolos, quando



do os quer para grandes no seu Reyno: *Magnus in Regno Caelorum*. Os que tem a seu cuidado fazer a outros grandes, não tirem de sua vista os fogueitos, q̃ são luzidos. Quem quizer com acerto engrandecer a outrem, olhe com attenção para as boas prendas, que o illustrão. Quantos fogueitos deixão de crescer, por não haver quem ponha os olhos em seus luzimentos? Quãtas luzes se apagarão ja, por faltar quem as vísse luzir? Por isso Christo, quando faz certo a seus Discipulos o premio de grandes: *Magnus in Regno Caelorum*: tem ja olhado para o lustre de seus merecimentos: *Vox estis lux mundi*. O mesmo he pôr os olhos nos fogueitos luzidos, que subirem elles a ser grandes. Hũa luz vista, tanto monta como hũa luz augmentada. E como he antiga esta verdade! Antes de haver Sol, não havia mais que luz: *Fiat lux*. Assim o dizem os que escrevem sobre os dias da criação do mundo. Porém o mesmo foy pôr Deos os olhos nesta luz: *Vidit Deus lucem*: que separala logo das trevas: *Et divisi lucem à tenebris*. Em quanto Deos lhe não poz os olhos, era hũa luz escurcida. Mas sendo hũa vez vista: *Vidit Deus lucem*: logo deixou de estar em sombras: *Divisi lucem à tenebris*. E não pararão aqui

os augmentos da luz. Não se achou só crescida, por se ver livre das trevas: logo sobio a ser luz grande: *Fiant duo luminaria magna*. Assim havia de ser; porq̃ ja Deos tinha posto os olhos em sua boa qualidade: *Vidit Deus lucem, quod esset bona*. Ainda depois desta vista dos olhos de Deos, sobio a luz a ser mais: sobio a ser mais que grande; porque chegou a ser Sol: *Luminare maius, ut præesset diei*. Tanto como isto faz sobir a hũ fogueito luzido, haver quem lhe ponha os olhos. Se he luz esquecida, passa a ser luz sem sombras: *Divisi lucem à tenebris*. Se he luz desassombrada, sobe a ser luz grande: *Duo luminaria magna*. E depois de luz grande, ainda chega a ser luz mayor: *Luminare maius*. Isto he o que devemos fazer os que quizerẽ augmentar fogueitos benemeritos: separalos das trevas do esquecimento. Advertindo, que a consequencia de haver grandes no melhor Reyno: *Magnus in Regno Caelorum*, nasce de haver quem olhe para os que são luzes: *Vos estis lux mundi*.

Assim o mostrou o Ceo, onde he infallivel esta regra de fazer grandes, na eleição do nosso Santo á suprema dignidade da Igreja. Não deixou Deos de o escolher para Pontifice, por elle se haver escondido. Soube



S. Gregorio, que em Roma o queriaõ para Vigario de Christo, & mudando o habito, se sahio da Cidade a esconderse entre bosques, & a sepultarse nas covas, para não ser descuberto, & fugir assim ao Pontificado. Porém Deos com hũa resplandecente columna, manifesta a todos no Ceo, hia mostrando os lugares, por onde Gregorio se escondia na terra. Até que achalo milagrosamente o trouxeraõ a Roma, & consagrário Vigario de Christo. Implicava muito, que Deos não fizesse Magna a S. Gregorio, por elle se haver escondido. Não ha no mundo sombras, que tirem dos olhos de Deos a fogueitos tão illustres. Não costuma Deos esquecerse de luzes tão benemeritas. He verdade que São Gregorio não buscava as trevas para se esconder da vista de Deos: retiravase, para se occultar aos olhos dos homens. Que só entre os homens deyxão de sobir semelhantes fogueitos, por escondidos: deyxão de ser Magnos, por não haver quem ponha os olhos em suas luzes.

Com tudo será necessario advertirmos aos olhos, que examinão estas luzes, as condições, que lhe haõ de descobrir, para as fazerem dignamente grandes. Não basta qualquer luz, para logo merecer esse ti-

tulo. Duas são as condições, q ha de ter, & ambas muito necessarias. Consideremolas brevemente. A primeira condição he, que estas luzes o sejaõ para todos, & não só para algũs. O que for luz para certos, não he digno de ser grande. O que for luz para todos, esse sim, esse he o que deve ser engrandecido. Christo não segurou o titulo de grandes a seus Discipulos: *Magnus in Regno Caelorum*: senão depois que os vio luz do mundo: *Vos estis lux mundi*. A luz do mundo he luz para todos, & não he só para algũs. E havendo de ser grande o fogueito, que tem luzes, não ha de ser, o que as tiver, só para certos, ha de ser, o que as tiver, para todos. Aquella molher, que São João vio no Apocalypse, era grande no Ceo: *Signum magnum apparuit in Celo*. Tinha tambem coroa, que he insignia de grandes: *In capite ejus corona*. Mas não se mysterio trazia em si a luz do Sol, a da Lua, & a das Estrelas: *Amictus Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum*. Como era fogueito grande: *Signum magnum*: havia de trazer luzes, que o follem para todos. Havia de trazer Sol, que para todos luz. Havia de trazer Lua, que não luz só para certos. E havia de trazer Estrelas, que não costumão luzir só



para alguns. A fogueitos desta forte luzidos, por direyto lhes vem o titulo de grandes: *Signū magnum*. Dignamente merecē ser coroados: *In capite ejus corona*. Busquemos desta verdade hũa confirmação no nosso Evāgelho. Acaba Christo de ver a seus Discipulos como luz: *Vos estis lux*; & logo os ensina a ser luz para todos: *Vt luceat omni-bus, qui in domo*. O que por ser luz, ha de ser grande, advirto que para todos ha de luzir: *Luceat lux coram hominibus*. Nunca virá a ser grande aquelle luminoso, que somente for luz para hum canto da casa: *Neque accēdunt lucernam, & ponunt eam sub modio*. Em lugar commum a todos ha de luzir: *Super candelabrum*: o que ouver de ser fogueito grande: *Magnus in Regno Caelorum*.

No Sacramento da Eucharistia todo o corpo de Christo se une com todos os que dignamente o recebem. He Theologia sem controversia. E como se une com nosco em hum Sacramento Magno, he todo para todos, & todo para cada hũ de nds. De sorte que no Sacramento grande não quiz Christo somente cōmunicarnos graça: quiz communicar-se todo. E havendo de dar-se todo no Sacramento Magno, foy para se dar todo a cada hum dos homēs,

& todo a elles todos. Esta he a condição, que se ha de buscar no fogueito, a que se cuver de fazer grande: communicar-se inteiro, & não partido. Não levarem hũs os favores da mão direita, & outros os desvios da esquerda. Não dar o peyto aos menos, & aos mais as costas. Tanto ha de luzir para hũs, como para outros. Assim o fazem as luzes do mundo. São todas para cada hũ, & todas para todos, sem differença algũa. No composto humano só a alma merece o titulo de grande. He semelhança de Deos, & por isso digna de tão honrado titulo. E como tem obrigação de se unir ao corpo com requisitos de grãde, por isso he toda para todo o corpo, & toda para qualquer de suas partes. Tanto anima a parte, q̃ he pẽ, como a parte, que he cçração. Assim o ensina a Filosofia. Qualquer grande de hũa Republica ha de considerar-se alma daquelle corpo. E se animar a hũas partes, & outras não, as que não forem animadas, ficarão mortas. E que tal se pararia hum corpo, se acaso se visse com os braços mortos, se tivesse os olhos sem alma? O! Deos nos livre.

A segunda condição, que haõ de ter aquelles fogueitos, para que por luzidos os possaõ fazer grandes, he que devem luzir



sempre. Tirase do mesmo Evangelho. Vio Christo a seus Discipulos como luz do mundo: *Vos estis lux mundi*: mas não singularizou, que luz do mundo erão. Pudera-os considerar, ou como Sol, ou como Lua, ou como Estrellas, que todas são luzes do mundo. Porém como Christo na representação de luzes os queria para grandes: *Magnus in Regno Cælorum*: não convinha, que os considerasse sómente como Sol, porque o Sol luz de dia, & não de noite. Não era bem que os visse luzir só como Lua, ou Estrellas; porque a Lua, & as Estrellas luzem de noite, & não de dia. E o fogueito, que pôr ser luz, se ha de fazer grande, he obrigado a luzir em todo o tempo. A mulher, que S. Jaão vio com titulo de grande: *Signum magnum*: trazia consigo todas as luzes do mundo. Vestia Sol, tinha nos pés a Lua, & na cabeça as Estrellas. Todas estas luzes era bem que trouxesse, quem era grande no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo*. Havia de mostrar, que tinha luzes para luzir em todo o tempo, para luzir sem descansar, de dia, & mais de noite. Dizer pois Christo a seus Discipulos, que são luz do mundo: *Vos estis lux mundi*: & não singularizar, que luz do mundo erão; que outra cousa he, senão

advertir-lhes, que são obrigados a luzir em todo o tempo? Que como Sol hão de vigiar, & luzir todo o dia. Que como Lua, & Estrellas hão de velar toda a noite sobre a obrigação, que tem de luzir. Nem isto pareça encarcimento. He verdade muito liza. Não he para ser grande o Prelado da Igreja, que se não desvela nos cuidados de Pastor. Não he para ser grande o Ministro de Justiça, que descansa da obrigação de seu officio. Não he para ser grande o Superior Religioso, que dorme sobre as pensões de sua dignidade. Não he para ser grande o Cabo de Milicia, que se descuida da disciplina do soldado. Não he finalmente para ser grande o Cidadão politico, que falta na administração da Republica. Todos estes luminosos, para serem grandes, hão de velar sobre as suas occupações. No perpetuo exercicio de suas vigílias se hão de acreditar de grandes. Os mais custosos disvelos de suas obrigações os hão de coroar por Mag-nos. Vejaão de que luzes se corouava aquella mulher grande do Apocalypse. Não de Sol, porque vela só de dia. Não de Lua, porque ainda que vela de noite, tem minguentes em suas vigílias. De Estrellas sim; porque além de velarem de noite,

tem-



tempo, em que as vigílias são mais custosas, não tem diminuição em seus luzimētos. Pois estas são as vigílias, que fazem grandes. As que mais custão, são as que coroaõ: *In capite ejus corona Stellarum.*

Estas são as duas condições, que ha de ter o fogeito para ser grande, porque he luz. Ha de luzir para todos, & ha de luzir em todo o tempo. Hũa, & outra cousa ouve em S. Gregorio. Infalliveis foraõ nelle estas condições de Magno. Luzio S. Gregorio para todos, porque não ouve grande, a que não encaminhasse com a sua industria. Aos Pontifices Benedicto, & Pelagio em Roma. Ao Emperador Tiberio em Constantinopla. Ao Rey de Cancia em Inglaterra. A Smaragdo Exarco Romano. A Eutiquio Patriarcha de Constantinopla. E a muitos Bispos, & Arcebispos de varias partes do mundo. Luzio S. Gregorio para todos, porque não ouve pequeno, a que não agasalhasse com a sua charidade. Elle foy o que na peste de Roma soccorreo a todos. Elle o que sempre convidava os pobres á sua mesa, achando entre elles hũa vez a Christo, & outra a hum Anjo. Elle o que tinha em lista todos os necessitados de Roma para os remediar. Elle o que mandou a Je-

rusalem ao Abbade Probo a fundar hum Hospital de Peregrinos, & outro no monte Sinaí pelos Religiosos de Santa Catherina. Ainda hoje, pelo muito que escreveo, está S. Gregorio luzindo para todos, como Principe de Theologos, como Espelho de Filosofos, como Sol de Oradores, como Diamante da Fé, como hum Paulo na prégação, como hũ Cypriano na eloquencia, & como hũ Agostinho na sabedoria. Luzio tambem S. Gregorio em todo o tempo: sempre velou sobre os cuidados de luzir. Ja quando o baptizáraõ, lhe advertiraõ a obrigação de vigilante, que isso quer dizer Gregorio. E que bem correspondeo S. Gregorio á obrigação de seu nome! Ja mais parava no exercicio das letras, no exemplo de boas obras, no cuidado de sua alma, & na satisfação de seu officio. Não ouve virtude, que não ensinasse: vicio, que não destruísse: culpas, que não reprehendesse: Prelado a que não encaminhasse: Igreja a que não escrevesse: cahido, a que não desse a mão: & penitente, a que não animasse. Que arte boa ouve em Roma, que por sua vigilancia não floreceffe? Que cerimonia do culto Divino, que senão reformasse? Que Sacerdote menos ajustado, que o não



temesse: Que abusos introduzidos, que se não deſterrassem? E finalmente, que ovelha ſua ouve, que a toda a hora ſenão pudesse valer de ſeu Paſtor? O' admiravel Varão! O' Pontifice hũa, & muitas vezes Magno!

*Non veni ſolvere legem, ſed adimplere.*

**A**inda ſão palavras, que enſinão a fazer grandes. Ainda eſta parte do Evãgelho pertence aos que tem obrigação de engrandecer aos outros. Eu não vim ao mundo, continúa o Senhor, para quebrar a ley: para a guardar ſim: *Non veni ſolvere legem, ſed adimplere.* Que advertidamente moſtra Chriſto a ſeus Diſcípulos a ſua obſervancia da ley, quando os quer ver no Ceo engrandecidos: *Magnus in Regno Cœlorum!* Não ha meyo mais efficaç para ſe conſeguir a grandeza dos pequenos, que a obſervancia dos mayores. Implica haver grandes em qualquer Republica, ſe falta a obſervancia dos que a regem. Os grandes de hũ povo ſem a integridade da ley no ſeu Principe, não o podem ſer, & ſó á ſua viſta o ſão. Já Moysés não podia governar o povo pelo grande numero de ſeus annos, quando Deos lhe ordenou, que elegeſſe ſetenta

Miniſtros, para o ajudarẽm no governo: *Vt ſuſtentent tecum onus populi.* Notavel Myſterio! Se já Moysés não era para governar; porque o conſerva ainda Deos no governo? Se aquelles ſetenta homẽs erão para ſuprir a ſufficiencia, que faltava em Moysés; porque lhe não manda Deos, que de todo deyxẽ áquelles Miniſtros o governo de ſeu Principado? Vay a razão, que por agora nos ſerve. Todos os que ſe elegeſſem para o governo de Iſrael, ficavão ſendo grandes naquelle povo. Moysés era obſervantiſſimo da ley Divina. E como para haver dignamente grandes em huma Republica, he neceſſaria a obſervancia do que a rege; bem he que não tire Deos a Moysés do governo. Por iſſo quer, que ſe elejão á viſta da ſua integridade da ley os q̃ de novo quer fazer grandes. Não podião ſer com acerto grandes aquelles Miniſtros em Iſrael ſem a obſervancia da ley em ſeu Principe. Ainda quando Moysés não pode governar, a ſua integridade da ley ainda pode fazer grandes. Se alli não governára Moysés, eſtava ſuprido o governo do povo com a direcção daquelles homẽs; mas não a obſervancia da ley, que tinha o ſeu Principe, para á viſta della governarem como grandes

de



de Israel. Haveria Ministros para o governo: mas não o exemplar da ley, para fazer grandes. Que haver integridade da ley nos Monarchas, & haver dignamente grandes nas Monarchias, tudo vem a ser a mesma cousa. Por isso Christo Redemptor nosso quando pratica o fazer grandes no seu Reyno: *Magnus in Regno Cælorum*: mostra a sua observancia da ley: *Non veni solvere legem, sed adimplere*. Não encareço mais esta verdade, porque entendo, que ninguem duvida della.

Sò quero reparar no modo de se explicar Christo observante da ley: *Non veni solvere legem, sed adimplere*. Mysterioso dizer! A ley propriamente guardase, não se enche. Quebrase, não se desfata. Ou se o mesmo vem a ser, quebrar a ley, que desfata: se tanto mōta guardar a ley, como enchela: porque não diz Christo que elle guarda a ley; senão que a enche: *Adimplere*? Porque não diz, que a não quebra; senão, que a não desfata: *Non veni solvere*? Eu o digo. Christo queria com a sua observancia da ley fazer grandes a seus Discipulos: *Magnus in Regno Cælorum*. E quem ouver de fazer grandes a outros por exemplo de observancia, não só ha de guardar a ley, mas enchela. Não só se ha

de ver, que a não quebra; mas também, que a não desfata. Quê guarda parte da ley, guarda a ley, mas não a enche: & assim que mais he, encher a ley, que guardala. Quem quebra parte da ley, quebra a ley, mas não a desfata: & menos vem a ser, quebrar a ley, que desfata. Para hum ser exemplo de observancia, ha de encher a ley, depois de a guardar; & não ha de desfatar a ley, depois de a haver quebrado. As leys andão atadas hũa com outras. Como todas se fundão no direyto natural, andão todas ligadas; & quem guarda hũa ley, & não guarda a outra, guarda a ley desfata. E este não serve para regta de fazer grandes. Ha de guardar a ley ligada: *Non veni solvere legem*. Os preceitos das leys andão em risco de se não guardarem, & de se não encherem. E como he mais encher a ley, que guardala, por isso não he para exemplo de fazer grandes, quem só guarda a ley, mas quem a enche: *Adimplere*. Tudo disse Christo no nosso Evangelho em duas palavras: *Jota unum, aut unus apex non prateribit à lege*. De tal sorte hey de guardar a ley, que a hey de encher, & a não hey de desfatar. Não deixarey de a encher, nem faltando com huma letra: *Jota unum*. Que faltar, á ley cõ a ob-



a observancia de hũa só letra, ja não he encher a ley. Não se verá que a defato, nem na falta de hũa virgula: *Aut unus apex*. Que delinquir na ley, por saltar com hũa só virgula, ja he defatar a ley. Desta sorte hão de proceder os que por observantes da ley, quizerem ser regra de fazer grandes. Nem saltar com hũa letra, se a quizerem encher, nem arredar hũa virgula, se a quizerem atar: *Nota unum, aut unus apex non præteribit à lege*.

Toda a observancia das leys de Prelado se vio sempre no nosso Santo; não só as queria guardar, mas encher. Sabia muito bem, que mais era defatar as leys, que quebralas. Vez ouve em que se condenou a não dizer Missa por algũs dias, porque soube, que em hum bairro de Roma se achára morto hum pobre, sem que elle lhe acoisísse. E privou-se da consolação, & doçura, que sentia no celebrar, só por temer, que aquella ovelha sua morresse de fome, ou de outra incommodidade, por culpa de seu Pastor. O' caso nunca visto! O' exemplo raro! Isto sim; isto he ser observante da ley. Castigar em si a falta de observancia sómente imaginada, he não querer saltar ao complemento da ley, nem com huma letra: *Nota unum*. He querer

guardar a ley atada até a ultima virgula. *Unus apex*. Não podendo tambem S. Gregorio em huma Quaresma jejuar o sabado Santo, por estar enfermo, rogou com muytas lagrimas a Eleutherio Varaõ Santo que lhe pedisse a Deos forças para poder cumprir com aquelle preceyto da Igreja. E porque alcançou o favor, ficou grandemente alliviado da pena, que lhe dava a falta do jejum. S. Gregorio ja não faltava á obrigação de jejuar, hũa vez que por enfermo o não podia fazer. Mas porque na observancia de Gregorio se havia de encher a ley, depois de a guardar; por isso pretendia ter saude, para poder com o jejum daquelle dia. Não jejuar, por não poder, era guardar a ley. Mas para encher a ley depois de a guardar, parece, que ainda faltava pedir a Deos forças para aquelle jejum. Alcançar saude para poder jejuar, era cousa que podia ser. Pois deyxar de a pedir, era saltar a esta perfeição de observante da ley. Como ainda podia cumprir com a ley, se alcançasse saude para jejuar; era não encher a ultima perfeição da ley, saltar nesta petição; era menos pontualidade, não pedir forças para satisfazer á ley com o jejum de tão solemne dia. Por-  
que



que S. Gregorio andou tão advertido nestes pontinhos de observante. Porque quando o não obrigava a ley, pedia mil lagres para se obrigar. Porque se castigava como culpado, só por se imaginar com culpa. Por isso no seu tempo florecerão tantos varões illustres, tantos Prelados exemplares, que deyxó de nomear, por falta de tempo. Veja-os, quem quizer, em quatro livros, que Joáo Diácono escreveu da vida deste admiravel Santo. Alli verá como a melhor regra de fazer grandes, he a observancia dos maiores. Como andaõ avinculados o encher a ley, & o fazer Magnos.

He sentido muyto aceyto, & geralmente applaudido, que em se deyxar Christo sacramentado, se vio a maior fineza de seu amor para com os homẽs, quanto na extenção. Ao amor, com que Christo nos amára em toda a vida, faltava aquelle amor do fim: *In finem dilexit eos*. Agora fallando neste sentido digo assim: Se alli ouve amar mais, quanto na extenção do amor dos homẽs, he certo, que até alli não ouve amar tanto nesta extenção do amor. Que aquelle maior amor, que no Sacramento se vio, não ouve antes do Sacramento. E porque guardon Christo este com-

plemento de seu amor para o Sacramento da Eucharistia? Porque poz esta integridade á ley de nos amar como a si mesmo, quando sacramentado? A razão está muyto clara. No Sacramento da Eucharistia faz Deos aos homẽs grandes de sua casa. Per meyo da uniaõ Sacramental lhes entrega o coração, & os chega a fazer validos muyto do seu lado: *In me manet, & ego in illo*. E como para fazer grandes he nos maiores a integridade da ley circumstancia necessaria, por isso Christo no Sacramento acaba de encher a ley de amar aos homẽs, como a si mesmo: *In finem dilexit eos*. Até alli guardava Christo esta ley, mas ainda a não enchia: ainda faltava esta fineza de seu maior amor. Faltavalhe fazer huma fineza, em que ainda depois de morto, ainda depois de se ausentar de nós, o deyxasse ficar com nós, o seu grande amor dos homẽs: *In finem dilexit eos*. Eis ali, como ainda em Christo se acha encher a ley depois de a guardar. E como he necessario no que encaminha a fazer grandes, não só guardar a ley, mas enchela: *Adimplere*.

*Qui fecit, & docuerit.*

**H**E a ultima clausula do Evangelho, que temos para



Para considerar. A doutrina, que nos der, a todos pertence; porque he regra para cada hum se fazer a si mesmo grande. O que até agora dissemos, não foy doutrina para todos, foy para algũs. Foy só para os que tem obrigação de engrandecer aos outros. Agora havemos de ensinar, como cada hum se poderá engrandecer a si mesmo. E quem haverá, que o não deseje saber? Ora dem-me attenção. *Qui fecerit, & docuerit.* O que fizer, & ensinar, esse he, o que se fará a si mesmo grande: *hic magnus vocabitur in Regno celorum.* Quer dizer. O que se quizer fazer a si mesmo grande, seja igual no que obra, & no que diz. AJuntar as obras com as palavras: *Qui fecerit, & docuerit:* he o caminho mais certo para cada hum ir a ser grande, ainda no melhor Reyno: *Magnus in Regno celorum.* A razão he muyto natural. Não haverá homem algum, que deyxasse de ter acertados dictames para viver, como deve. A ninguém falta o lume da razão, com os documentos necessarios para aconselhar o bem, & não o mal. Pois obre cada hum ajustado ao que diz conforme as regras da razão, & logo se verá feyto grande: *Qui fecerit, & docuerit, magnus vocabitur.* Quia Deos fazer hũa figura da

Igreja, & representou-a na Espôsa dos Cantares. Assim o entendem geralmente os Escriurarios. E como esta Espôsa tinha o titulo de grande, pois vinha a estar desposada com o mesmo Deos: não sem mysterio a cabeça era de ouro: *Caput ejus aurum optimum:* & as mãos erão tambem de ouro: *Manus ejus tornatiles aurea.* Da cabeça nascem os dictames para o governo de cada hũ. Alli se formão as regras da razão, para se viver acertado. Nas mãos se representa o exercicio de nossas obras. São as nossas mãos o significativo do que obramos. E Espôsa, que havia sobido a ser tão grande, necessariamente havia de mostrar o ajustado da razão no acerto das obras. Era força que a cabeça dissesse com as mãos: que tivesse na nobreza das mãos a mesma fidalguia do metal, que tinha na cabeça: *Caput aureum: Manus aurea.*

Ter cabeça de ouro, & não as mãos: dizer bem, & obrar mal: não he esse o caminho para cada hum se fazer grande a si mesmo. Antes he o final mais certo de deixar de ser grande aquelle, que ja o he. E para isso não he necessario, que as mãos sejam de ferro, ou de outro metal inferior: basta que desdigão hũ ponto do ouro da cabeça. Qualquer grão, que as obras de-



dêção do acerto da razão, he signal de ruina, ainda na mayor grandeza. Aquella Estatua de Nabuco, representação daquelle soberbo Rey, tinha cabeça de ouro: *Caput ex auro optimo*. Os braços, & as mãos erão de prata: *Brachia de argento*. E com tudo, com as obras representadas naquellas mãos serem de prata, hũ pouco menos nobres, que o ouro da cabeça, viose a Estatua arruinada: *Redacta est, quasi in favillam*. Tanto como isto importa, que as obras digão com as palavras nos que são grandes. Se os dictames são de ouro, he necessario, que de ouro sejam tambem as obras. E se differem em qualquer ponto, está a ruina em casa. A razão he evidente. O que começou a faltar na correspondencia das obras com as palavras, cedo ha de faltar de todo. Tanto que as mãos daquelle Estatua sahirão de prata, hũ pouco menos fidalgas, que o ouro da cabeça, logo as mais partes, que se seguirão, hũas forão de bronze, outras de ferro, & os pès de barro. Chega a ter pès de barro, o que tendo cabeça de ouro, começou a degenerar pelos metaes inferiores. Quem falla por boca de ouro, & obra com mãos de metal inferior, ainda que sejam de prata, vem a dar passos com pès de barro, que o

arruinão. Não faltou desta verdade, ainda entre os gentios, hũa boa semelhança. Fizerão os Romanos à fingida divindade de Hercules hũa Estatua toda de ouro. Por ventura que levados da nossa razão. Aquelle simulacro representavahes a hũ grande. Não lhes podia representar mais, pois era figura de hũa das suas divindades. E como aquelle Idolo havia de dar os oraculos aos Romanos, implicava que fallasse por boca de ouro, & não fosse de ouro todo. Até os Gentios, quando adorão ao demonio, como a grande, não querem que na sua imagem desdiga o acerto de seus passos, & o exercicio de suas obras, da rectidão de seus oraculos. Quererem, que de pès, & de cabeça seja todo de ouro. E se isto he nas divindades, q̃ não tem pès, nem cabeça; nas que se prezão de a ter, qual será a sua obrigação? Qual será a correspondencia, que devem pôr no que obrão, & no que dizem? He certo que deve ser a mayor.

Seguia-se agora mostrar, como em S. Gregorio se unirão a bondade de suas obras com a de suas palavras. Como soube fazer-se a si mesmo grande, por que ajuntou o obrar com o dizer. Mas nem todo este tempo, nem todo este rezado erão



bastantes, para dar a conhecer correspondencia tão grande, para medirmos o que disse, & o que obrou, para pezarmos o que fez, & o que escreveu. Todo o campo he estreito, toda a medida vem curta, & he fraca tola a balança. S) digo, que fallando Santo Ildefonso das maravilhosas obras, & admiraveis escritos de S. Gregorio, diz que em toda a antiguidade não achá coufa semelhante, por que foi mais santo, que hñ Antonio da Thebaida, & mais fabio, que hñ Agostinho em Africa. E quem no que obrou venceu a hum Antonio, & no que soube a hñ Agostinho, bem se deixa ver, o que foy nossó Santo, no que obrava, & no que dizia: & se merecerá o titulo de grande no Céo: *Magnus in Regno Caelorum*, quem como elle for o mesmo nas palavras: *Qui fecerit, & docuerit*. Com tudo, occasião ouve, em que se arguiu a S. Gregorio algum dezar nesta materia. Não faltou quem lhe quizesse deslustrar a correspondencia do que fazia, com o que ensinava. Foy o caso, que querendo dar a Communhão a hñ mulher, porque a vio rir ao tempo de commungar, poz sobre o altar o Sacramento, & acabada a Missa, lhe perguntou a causa de seu rizo naquella occasião: Respondeo a mulher.

Porque vós dissestes, que o pão, que nós fazemos com as nossas mãos, era o corpo do Senhor. Ouvindo isto o Santo, pedio a Deos abrisse os olhos aquella mulher, & acudisse pela sua verdade. Porque dizer, que alli está o corpo de Christo, & mostrar só mente pão, he não dizer a obra com a palavra. He dizer hñ coufa, & mostrar outra. Converteo logo Deos a Hostia em carne: vio a mulher o prodigio, arrependose contrita: tornou o corpo de Christo às especies de pão; & ficou S. Gregorio grandemente acreditado para com aquella mulher nas obras, & nas palavras: no que fazia, & no que ensinava.

Parece que era impossivel, não obrar Christo esta maravilha para credito do seu Pontifice. E mais sendo á vista do Sacramento da Eucharistia, que por ser o Sacramento Magno, implicava, que não fosse o mesmo, quando dito por S. Gregorio, q quando obrado por Christo. Que não dissesse o Sacramento, quando se dizia, com o Sacramento, quando se obrava. He ja muito antiga esta correspondencia entre o Sacramento nas obras, & o Sacramento nas palavras. Tudo, o que he, quando se obra, he tambem, quando se diz: *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum*.



num. O Sacramento depois de obrado communica vida eterna, a quem o recebe. He verdade, q se não pôde negar. Pois esta mesma eternidade de vida, que o Sacramento tem depois de obrado, tem tambem depois de dito: *Verba vite eterne habes*. Disse São Pedro a Christo, quando o ouviu fallar no Sacramento da Eucharistia: *Caro mea verè est cibus: Sanguis meus verè est potus*. Achou São Pedro em Christo palavras de vida eterna, quando dizia este Sacramento: *Caro mea verè est cibus*. He Sacramento Magno. & ha de ser o mesmo nas palavras que nas obras: ha de communizar vida eterna, quando he Sacramento dito: *Verba vite eterne habes*: & ha de communizar vida eterna, quando he Sacramento obrado: *Qui manducat hunc panem, vivet in eternum*. Ora vejaõ se vem nascendo a consequencia de ser grande: *Magnus in Regno Cælorum*, aonde ha de unir o obrar com o dizer: *Qui fecerit, & docuerit*: se aonde as palavras dizem com as obras: *Qui fecerit, & docuerit*, pôde saltar a certeza de ser grande: *Magnus in Regno Cælorum*.

Pontífice soberano, tenho acabado. E neste anno tereis em Roma na vossa festa muito melhor Oração, mas não tão bom

Prégador. Seria lá melhor a Oração, porque haveria Oração muito melhor. E não podia ser lá o Prégador tão bom; porque o Prégador cá fostes vós. Eu não fuy mais, que hum Relator de hũa pequena parte de vossa doutrina. Não disse nada nesta lição de fazer grandes, que ja vós o não tendeis dito.

Disse, que para se fazer grande a outrem com acerto, ha de preceder vagaroso exame de sua pessoa. Assim o tendes na Epistola, que escrevestes á Republica de Napoles, que vos pedia para Bispo a hum Religioso vosso: *Summis in rebus citum non oportet esse consilium*. Não convem, respondestes, que para se fazer a hum Bispo, seja a resolução apressada.

Disse, que não era para ser grande aquelle, que sendo sal, não applicava aos outros o prestimo, que tinha. Assim o dizeis na Homilia dezaesete sobre São Lucas, quando, de chamar Christo sal aos seus Discipulos, tirais esta conclusão, em que vos comprehendeis a vós mesmo: *Si ergo sal sumus, condire mentes fidelium debemus: Sal etenim terra non sumus, si corda audientium non condimus*. Devemos de temperar os animos de nossos proximos os grandes, que somos sal. E então o deyxaremos de fazer, senão applicarmos os



nosso prestimos aos corações dos homens.

Disse, que os que tem obrigação de engrandecer aos outros, hão de pôr os olhos nos merecimentos esquecidos, nas luzes, que andão occultas. Assim o encomendais na exposição, que fizestes, ao primeiro livro dos Reys, quando considerais a instrução, que Deos deu a Samuel, para ungir por Rey a David, que entre os seus Irmãos era o menos visto: *Quærat ergo, qui ornare Ecclesie caput cupit, thesauros occultos*. Busque o que quer fazer feitos grandes, para ornato da Igreja, os thesouros escondidos, os merecimentos, que não andão tão vistos.

Disse, que a primeira condição dos que por luzidos hão de ser grandes, he que devem luzir para todos, que hão de comunicar aos outros todo o bẽ, que gozão. Assim o ensinai na Homilia septima sobre Ezechiel, quando moralizais os prestimos, que hũas azas dos animaes daquelle carro davão às outras: *Tunc pennis virtutum sub firmamento recte sunt, quando bonum, quod alter habet, hoc alteri impendunt*. Então nos levantão as nossas virtudes até o firmamento, quando todo o bem, que temos, o communicamos a outrem.

Disse, que a segunda condição das grandes luzes, he que devem luzir, & velar sem descuido. Assim o dais a entender na Homilia treze sobre S. Lucas, quando explicais a vigilancia daquelle servo, a que Deos no Ceo serve á mesa como a grande de sua casa: *Vigilat, qui a se torporis, & negligentia tenebras repellit*. O servo, que desta sorte chega a ter na mesa por servente o mesmo Deos, persevera sempre em suas vigílias, sem a menor sombra de negligencia.

Disse, que para haver grandes em hũa Republica, era necessaria nos que a regem toda a observancia. Assim o aconselhais vòs no capitulo primeiro de vossa Pastoral: *Sic Rector operatione præcipuus, ut grex per exempla melius gradiatur*. Seja todo o que governa o primeiro na observancia, para que os subditos caminhando por seus exemplos vão sempre subindo, & melhorando.

Disse, que para fazer grandes a outros com o bom exemplo da observancia, se requeria a integridade da ley, ainda no menor ponto, ainda em hũa virgula. Assim o vindes a dizer na Homilia dezafete dos Apostolos, quando comparais com o espelho a Ley de Deos, 'que só faz dignamente grandes aos  
que



que a guardão: *Specula sunt precepta Dei, in quibus se Sancta animæ semper aspiciunt.* Porque assim como os espelhos mostram ás grandes fermosuras a menor macula, que as pôde manchar: *Si quæ in eis sunt feditatis macula, deprehendunt.* Assim a Ley Divina serve ás almas de grande santidade, para lhes fazer tirar a menor mancha, que as pôde escurecer. Serve aos que hão de ser exemplares da observancia, para não consentirem a menor perfeição, que os possa deslustrar.

Disse finalmente, que só he para se fazer a si mesmo grande aquelle, que obra conforme o que diz Assim vos entendo eu nos vossos Moraes, que fizestes aos livros daquelle grande

Monarcha Job, quando elle no capitulo trinta, & hum a si mesmo se condêna, se como vós o explicais, não mostrar nas obras o que diz nas palavras: *Bona quæ ore protulit, si opere non implevit.*

Por estas regras vos fez Deos a vós grande. Por estas regras fizestes vós grandes a muitos. Por estas regras vos foubestes fazer a vós mesmo Magno. Magno entre os homês por vossas letras, por vossas virtudes, & por vossos milagres. Magno finalmente entre os Cortesãos de melhor Reyno: *Magnus in Regno Cælorum*; pelo lugar, que tendes; pela graça, que adquiristes; & pela gloria, que gozaes: *Ad quam nos perducit Dominus. Omnipotens,*

FINIS, LAUS DEO.





FINIS. LAUS DEO.

